

“La photo devient « surprenante » dès lors qu’on ne sait pas pourquoi elle a été prise; quel motif et quel intérêt à photographier un nu à contre-jour dans l’embrasure d’une porte, lavant d’une vieille auto dans l’herbe, un cargo à quai, deux bancs dans une prairie, des fesses de femme devant une fenêtre rustique, un œuf sur un ventre nu?”

“Une photo est toujours invisible: ce n’est pas elle qu’on voit.”

“Le premier home qui a vu la première photo a dû croire que c’était une peinture: même cadre, même perspective. La Photographie a été, est encore tourmentée par le fantôme de la Peinture, elle en a fait, á travers ses copies et ses contestations, la Référence absolue, paternelle, comme si elle était née du Tableau...Le « pictorialisme » n’est qu’une exagération de ce que la Photo pense d’elle-même.”

Roland Barthes,

*La Chambre Claire* (Note sur la photographie), Cahiers du Cinéma, Gallimard, Seuil, 1980.

### **Minimalismo abstracto ou realismo de Richter**

#### **Complexidade do olhar**

Numa época em que os meios de concepção e reprodução de imagem são tão diversificados e que têm vindo a alterar por completo a nossa relação com a imagem, a obra de Joao Batista leva-nos a uma reflexão sobre o estatuto da fotografia, que atravessa a história da pintura e da arte. Leva-nos a pensar sobre a fotografia como se de uma pintura se tratasse (ou o contrário).

Estas imagens exibem um duplo fascínio, pela sua ambiguidade e pela incerteza do que vemos, recebemos e percebemos. A superfície da imagem parece distante e de grande profundidade, numa contemplação do espaço contemporâneo, arquitectónico e expositivo, da nossa relação, como o vivemos, como o experienciamos, como o habitamos ou como fugazmente passamos por ele.

A primeira vez que tive contacto com a obra de Joao Batista pensei imediatamente em Hiroshi Sugimoto, mas à medida que vou observando o seu trabalho, penso cada vez mais em Gerhard Richter.

As séries apresentadas vão do focado ao desfoque total, o nosso olhar pode resgatar um conjunto de memórias ou focar-se num pormenor. O desfoque propositado apresenta-se como uma tentativa de tornar a imagem infinita, numa reflexão sobre o carácter transitório da nossa vivência.

Tal como o autor refere: “Muitas vezes convivemos com pessoas que não vemos, envolvemo-nos em eventos que não percebemos, criamos conhecimento de que não tomamos consciência. Sofremos influências que se mantêm desconhecidas, e exercemos outras que não imaginamos.”

Desde o Século XIX que a fotografia tem vindo a questionar a função descritiva do real através de expressões/linguagens artísticas como a pintura. O mimetismo da pintura foi posto em causa e originou uma grande mudança e adaptação a uma nova era, um novo tempo. Tudo isto leva a pensar que nestas imagens e com estas imagens podemos e devemos reflectir sobre o outro lado das coisas, o lado, a face ou a superfície que não é visível, sobre o nosso olhar, como vemos o espaço, as nossas vivências, as nossas relações com o espaço/tempo e de que forma o percebemos e experienciamos.

Esta obra representa e transmite aquilo que não vemos com o nosso olhar desatento e apressado. Num olhar mais concentrado percebemos que se tratam de imagens concentradas e plenas de reflexão, que parecem pertencer a uma narrativa ainda maior, deixando algumas questões em suspenso.

Poderemos falar de uma nova mudança de paradigma na fotografia?

A fotografia revolucionou a pintura e hoje a pintura revoluciona a fotografia, abrindo caminho a novas figurações e a novas representações do real.

Vemos aqui pintura realizada com fotografia através de modelações de branco e preto. Estas imagens apresentam uma indefinição de contornos que realçam a imagem no seu todo. Modelações, arrastamentos que prendem o nosso olhar, talvez devido ao seu distanciamento e frieza.

As suas imagens reflectem um método rigoroso de observação. Estamos perante um trabalho de grande observação e contemplação, num acto discreto. Sustentado no medium fotográfico onde a nossa percepção e entendimento é tão pictural que facilmente podemos atribuir a uma outra esfera de representação pictórica e conceptual. O meio usado pode tornar-se mais transversal e complexo, depois de um primeiro olhar. Esta transgressão / transversalidade / abrangência do meio de representação é uma característica muito presente em toda a obra, assim como a atenção meticulosa e profunda compreensão das nuances e da paleta de negros, cinzas e intensos brancos. O “outro lado das coisas” está sempre presente, tanto no espaço arquitectónico, museológico, natural, em presenças isoladas, grupos, espaços de passagem, mas é na série “Lost” e “The Gate” que se torna mais evidente.

Minimalismo abstracto? Vemos uma abordagem conceptual sobre o outro lado, o outro olhar e a outra experiência.

Os espaços fotografados funcionam como uma superfície experimental, onde são trabalhadas manchas de cinza, jogos de luz e blocos negros dados muitas vezes pela presença humana.

Uma das premissas desta obra poderá ser distrair, desconcentrar, deslocar, desfocar os limites do conhecido, o nosso entendimento e leitura daquilo que conhecemos, observamos e acreditamos compreender na sua plenitude? A descaracterização e desfoque levam-nos à dúvida.

Na fotografia a superfície da imagem é invisível, ou pode parecer invisível, na pintura a superfície é fisicamente visível. A obra de Joao Batista esbate as linhas que separam a fotografia da pintura.

Sílvia Pinto Costa